



## ROLAND BARTHES E O TRAJE DE CENA

### RESUMO

Se as reflexões barthesianas acerca da não-inocência da linguagem forem conduzidas ao campo da moda, certamente, o traje de cena se destacará como uma linguagem de *boa fé, escritura*, pois nele o traje é concebido por princípio, é, *a priori*, representação, ficção a ser narrada e sua realização não se configura como mero instrumento para comunicar.

No figurino não há “naturalidade”. Cena é construção, linguagem pensada para ser REPRESENTAÇÃO, ou ainda melhor, OBRA DE FICÇÃO. O traje, na condição indumentária, é necessariamente *indumentária refletida*, pensada, *indumentária-fosfato*, mas com todos os sentidos acionados no gesto da *intuição criadora* – o nome dado a uma das formas de cognição para a qual faltam melhores explicações.

Este trabalho traz uma reflexão acerca de alguns conceitos emitidos por Roland Barthes (1915- 1977) e que são intimamente ligados aos nossos campos principais de pesquisa: traje, traje de cena, teatro, relação moda-teatro. As propostas de Barthes analisadas aqui foram escritas por ele nas revistas *Les Lettres Nouvelles*, *Théâtre Populaire* e *Tel Quel*, nas décadas de 1950 e 1960, e resultam também da sua breve trajetória como ator (em 1936, em *Os Persas*, de Ésquilo, na Sorbonne) e da longa experiência de toda a vida como espectador e crítico de teatro.

**Palavras-chave:** traje; traje de cena; Roland Barthes.